

Fábricas de filhotes: o sofrimento por trás da fofura

“O cara criava cães em uma caixa de luz. Quando nós abrimos, os animais não conseguiam olhar para a claridade”, denuncia a resgatista Carolina Torres

Hoje em dia é comum encontrar vários animais domésticos sendo comercializados em lugares públicos, privados e até mesmo na internet. O que poucos sabem é que, por trás de toda fofura, pedigree e preços altos, há muito descaso e sofrimento. Isso acontece porque há pessoas que vendem os animais sem se importar com as condições de vida deles, criando-os em ambientes insalubres, sem alimentação adequada, desprovidos de acompanhamento veterinário e reproduzindo excessivamente.

Essa é a realidade dos canis clandestinos, mais conhecidos como fábricas de filhotes. Ou seja, criadouros, geralmente ilegais, que visam a reprodução de animais domésticos para gerar lucro. O fenômeno surgiu após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de suprir as altas demandas por cães de raças específicas, para atender o status imposto pela burguesia, e se mantém erguido até os dias atuais.

Tal circunstância está integrada na Lei 9605/95, art. 32, que rege sobre a prática do “ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos: detenção, de três meses a um ano, e multa”. Já em 2020, foi promulgada a Lei Federal nº 14.064/2020 (Lei Sansão), aumentando o castigo para violência contra os animais, em que a pena vai de 2 a 5 anos de reclusão, multa e perda da guarda do animal.

O termo “fábrica de filhotes” se refere ao local que realiza o cruzamento de animais

Reprodução/Freepik



DOAÇÕES: Apenas 33% dos cães e 59% dos gatos que moram nos lares brasileiros foram adotados

O QUE CONFIGURA M TRATOS AOS ANIM

1. ABANDONAR;
2. FERIR, MUTILAR OU ENVENENAR;
3. MANTER PRESO PERMANENTEMENTE EM CORRENTES;
4. MANTER EM LOCAIS PEQUENOS E SEM HIGIENE;
5. NÃO ABRIGAR DO SOL, DA CHUVA E DO FRIO;
6. DEIXAR SEM VENTILAÇÃO OU LUZ SOLAR;

7. NÃO DAR C
- DIARIAMENTE;
8. NEGAR ASS
- ANIMAL DOEN
9. OBRIGAR A
- SUPERIOR À S
10. UTILIZAR A
- POSSAM LHE C
11. CAPTURAR
12. PROMOVE

FONTE: Lei 9.605/98, artigo 32



Não precisa
ser um
veterinário
para ver
que um animal
não está bem
de saúde”



DOUGLAS
BONAVITO

em condições precárias. Essa ação é muito criticada por pessoas que lutam a favor da causa animal, como a ativista e resgatista Carolina Torres, que já participou de alguns resgates em Embu das Artes e Itapeverica da Serra, municípios de São Paulo.

“Os canis já falam por si só que são clandestinos, é tudo ilegal. Os maus-tratos são totalmente aparentes, o cheiro do local já entrega tudo, você nem precisa entrar. Você logo percebe que tem um animal ali dentro em estado de, muitas vezes, putrefação”, descreve Carolina sobre a realidade desses ambientes.



MAUS-TRATOS: Autuações cresceram 162,5%, apontam dados da PMA em janeiro de 2021.

MAUS MAIS?

Equipe de Produção:
Pedro Picchio
João Simões
Marlene Scherer
Beatriz Costa
Isabelly de Lima
Isabella Rocha
Laila Borges

COMIDA E ÁGUA

ISTÊNCIA VETERINÁRIA AO
TE OU FERIDO;
TRABALHO EXCESSIVO OU
UA FORÇA;
ANIMAIS EM SHOW QUE
CAUSAR ESTRESSE;
R ANIMAIS SILVESTRES;
ER VIOLÊNCIA, COMO RINHAS.

Há diversas problemáticas que fomentam a precariedade das fábricas, tais como: falta de alimentação e hidratação adequadas, espaço reduzido com um número excessivo de animais, negligência dos cuidados individuais e higiene local. Essas más condições corroboram para a proliferação de doenças e colocam em risco a vida desses seres.

Dados os fatos citados acima, o veterinário Douglas Bonavito confirma a situação e expõe que, nesses canis, “há doenças infecciosas e parasitárias, como verminoses intestinais, giardia, lombrigas, pulgas, carrapatos, ácaros de sarna de pele e ouvido e leptospirose”.

Douglas também alerta quanto à comercialização dos filhotes e diz que: “as pessoas que compram não se atentam a isso; não precisa ser um veterinário para ver que um animal não está bem de saúde”.

Quem olha o comércio de filhotes, não enxerga a verdade que acontece por trás. “Reproduz mãe, filho... Degenerando a raça para obter raças menores, cruza o menor com o menor, irmãos, pais e filhos, pois as pessoas querem o pequenininho”, revela Luiz Scalea, participante da Associação

de Proteção Animal São Francisco de Assis (Apasfa).

“Foram fazendo o gosto do cliente, para que possa servir essas pessoas. Geralmente, se machucam muito fácil, são anêmicos. As pessoas acham que é normal, algo genético, mas não é, são várias gerações machucadas”, retrata Luiz com base em suas experiências.

Mesmo as pessoas que têm o conhecimento dessas condições, ainda resistem a denunciar essas ações, por mais nítidas que estejam. Isso se deve, principalmente, pelo medo que a gestão impõe nos outros. Os donos das fábricas de filhotes agem, muitas vezes, ilegalmente e conseguem burlar a justiça por meios extraoficiais.

“Mexer com canis é complicado porque, geralmente, eles são metidos com milícia e tráfico, com pessoas dentro do poder do próprio governo municipal. Sem força policial é impossível [entrar nos canis] e sempre lembrando que você está com uma mira na cabeça. Você pode pegar todos os animais, mas nada te garante que você não vai ter represálias sobre isso”, comenta a resgatista Carolina.

De acordo com o delegado Renzo Angerami, a lei ainda trata o animal como objeto. O ser humano se considera superior racionalmente aos animais e, por isso, aproveita para explorá-los segundo os seus próprios interesses. A polícia recebe diversas denúncias de maus-tratos aos bichos todos os dias. Inclusive, há algumas investigações em andamento, que, devido ao sigilo da profissão, não podem ser reveladas.

Segundo a Delegacia Eletrônica de Proteção Animal (DEPA) da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo, no primeiro semestre de 2019 o número de denúncias de maus-tratos em criadouros clandestinos foi de 4.108. No ano de 2020, em um período próximo, foram registradas 4.524 denúncias.

Dado o número elevado de acusações, o deputado Bruno Ganem (PODEMOS) convocou uma CPI de Venda de Animais em 2019 com os objetivos de “apurar irregularidades na venda de animais por canis, pet shops e demais estabelecimentos clandestinos, inclusive por meios eletrônicos, no Estado de São Paulo”, como dito no documento oficial, e “encaminhar denúncias ao Poder Judiciário e em paralelo a criação de uma lei visando evitar os maus-tratos”, conforme ele revelou à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

Visando conseguir mais informações sobre essa criação e venda irregular de animais, os deputados Ganem, Caio França, vice-presidente da CPI, e o delegado Bruno Lima, relator, enviaram 46 requerimentos solicitando esclarecimentos dos agentes envolvidos na causa, como o Presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo (CRMV-SP), Mário Eduardo Pulga, e o Secretário Estadual de Infraestrutura e Meio Ambiente, Marcos Penido.

Por outro lado da história, existem exemplos de criadouros legalizados, como é o caso do canil Enchantress do proprietário Leandro Souza, participante de um clube cinotécnico e praticante da cinofilia. Através dessa atividade, que é baseada no amor pelos cães e o estudo aprofundado de raças, os canis se afiliam a clubes e se tornam legalizados ao cumprir todas as normas.

Um dos exemplos dessas regras está descrito no Art. 3 do Regulamento de Criação da Confederação Brasileira de Cinofilia (CBKC): “Para fins de reprodução, os exemplares deverão ser obrigatoriamente de mesma raça e possuírem os



LUIZ
SCALEA

a escritura
de um
escravo e
um pedigree
de um animal
são quase a
mesma coisa”

Certificados de Registro de Origem emitidos pela CBKC ou por ela reconhecidos”.

“Eu sou meio chato, se meu santo não bater, o cachorro não vai. Se não for o local ideal, eu não vendo. Meus clientes, 99% viram meus amigos. Se tiver algum problema, devolve. Eu chamo aqui de criação humanizada, porque eu trato todos como se fossem um. E as fêmeas têm crias a cada um ano e meio. Elas não têm crias em todos os cios, até porque podem gerar problemas para o filhote”, descreve o dono do canil.

Leandro analisa diversos fatores para dar preço aos filhotes, como cor, raça e genética. Ele define que “o pedigree de cães de raça pura vem da árvore genealógica. Filhos de cães registrados, são registrados”. De modo geral, o pedigree é um certificado da origem pura do animal, principalmente de cães e gatos, que só pode ser emitido por instituições oficiais de cinofilia. Entretanto, o ativista Luiz observa que “a escritura de um escravo e um pedigree de um animal são quase a mesma coisa”, fazendo uma crítica a essa prática como um todo.

Mesmo existindo canis legalizados, eles ainda são minoria. A prática permanece ativa pois há pessoas que alimentam o comércio até os dias de hoje. É necessário disseminar a realidade que esses animais vivem para criar uma conscientização na sociedade e amenizar a problemática. Como diz a Carolina e o Renzo, a informação colabora para identificar o que são os maus-tratos e como denunciá-los, consequentemente, salvando os animais.

REPORTAGEM
BEATRIZ CATÃO
ISABELLA ROCHA
ISABELLY DE LIMA
JOÃO SIMÕES
LAÍSI ROCHA
MELANIE SCHEER
PEDRO FECCHIO

DIAGRAMAÇÃO
PEDRO FECCHIO

RAÇAS MAIS POPULARES DO BRASIL (2019/20)



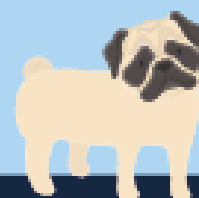
1. SPITZ ALEMÃO ANÃO (POMERÂNIA)



2. BULLDOG FRANCÊS

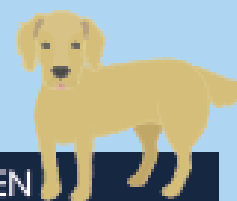
3. SHIH TZU

4. ROTTWEILER



5. PUG

6. SPITZ ALEMÃO PEQUENO



7. GOLDEN RETRIEVER

Equipe de Produção
Pedro Feccchio
João Simões
Melanie Scheer
Isabella Rocha
Isabelly de Lima
Luiz Bourges

FONTE: CBKC